

“A TODOS CONVOCO PARA ESTA DANÇA”: O IMAGÉTICO DA DANSE MACABRE EM POE E BERGMANN

**HELVÉCIO FERREIRA FURTADO JUNIOR¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES
SILVA²**

¹*Universidade Federal de Pelotas- pejorativo@radiogita.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - danigallindo@yahoo.de*

1. INTRODUÇÃO

A figura da morte permeia a sociedade dos vivos. O homem, próximo que se encontra do evento da morte, numa tentativa de compreender, explicar e instruir os demais sobre este momento, dotou-o de natureza e personalidade, conferindo-o mesmo um corpo físico, frequentemente representado como uma caveira em vestes negras, portando uma arma de algum tipo, com frequência uma foice.

Mas a natureza da morte não é a mesma desde sempre. Na presente pesquisa, visamos analisar o imagético e a persona da morte em duas obras distintas, que se localizam separadas por tempo, espaço e até mesmo o tipo de mídia sobre a qual foram criadas. Essas obras, *A máscara da morte vermelha*, de Edgar Allan Poe e *O sétimo selo* de Ingmarr Bergman, têm contudo um denominador comum: a figura da morte cadavérica e misteriosa, que interage com os personagens antes que eles morram. Ambas as obras baseiam-se na cultura da *Totentanz*, a dança da morte que ilustrava as catedrais europeias do final do século XIV. Sendo talvez o imagético da figura fúnebre que melhor sobreviveu ao tempo, o esqueleto vestido de negro ganhou novas roupagens e características num sentido diacrônico, e são essas roupagens que analisamos. A forma como os personagens interagem com a figura da morte e com o seu significado também foi estudada.

2. METODOLOGIA

Utilizando a definição de mito dada por Gilbert Durand, a qual afirma ser o mito uma narrativa que tenta racionalizar eventos transformando símbolos em palavras e arquétipos em ideias, analisamos primeiramente a imagem da morte em ambas as obras, utilizando como ponto mediador a figura da morte medieval da *Totentanz* ou *Dança da Morte*, retratada em diversas catedrais europeias do fim do período medieval. Essa figura assemelha-se às mortes apresentadas nas obras de Poe e Bergman em vários aspectos, não só em sua imagem, mas muitas vezes também em sua personalidade. Particularmente em *O Sétimo Selo*, vemos uma morte racional, que dialoga com os demais personagens e até brinca com eles. Os mitos e costumes medievais sobre a morte, seus dizeres e a lição que é passada com a dança da morte reflete-se nas obras: o fim iguala a todos. No fim, a morte tira todos para dançar a mesma dança final, levando pela mão tanto reis quanto camponeses. Essa mensagem também é parcialmente resgatada nas obras aqui analisadas.

A máscara da morte vermelha conta a história de um reino assolado por uma peste terrível que acaba com seu hospedeiro rapidamente, deixando apenas o sangue em suas vestes e rosto como sinal de sua presença. O soberano deste reino é o Príncipe Próspero, um homem hedonista que desconsidera a vida de seus súditos. No auge da peste, quando esta grassa vorazmente a população,

Próspero retira-se com seu séquito para uma fortaleza inexpugnável, selando seus portões para que ninguém entre e ninguém saia. Assim, ele abandona seus súditos mais baixos à própria sorte, esperando que a doença se acabe quando tiver exterminado todos os vetores.

A fortaleza contava com sete magníficos e exóticos salões, cada um com uma cor temática que dava o tom de sua tapeçaria, mobília e vitrais. Todos, com exceção de um, encantavam e divertiam enormemente os foliões. No salão negro de vitrais rubros, contudo, havia um relógio de pêndulo que perturbava com sua batida o coração dos convivas, quando se aproximava a hora. Enquanto badalava o relógio, cessava-se a música e o riso, e todos se lembravam da atrocidade que estava acontecendo no exterior das muralhas. Contudo, assim que acabava-se o lamento das horas, voltava a imperar nos salões de Prospero a alegria e leviandade.

Durante um baile de máscaras, contudo, ao décimo segundo badalar do sinistro relógio, o soberano nota um conviva trajando uma fantasia exótica demais, até mesmo para o gosto arabesco do príncipe: entre os comensais caminha a morte vermelha, vestida de mortalhas manchadas de sangue, com o rosto coberto das chagas que marcam a pestilência a assolar o reino. Indignado por tal afronta, Prospero ordena que seus companheiros avancem e enforquem o homem que foi ousado o suficiente para fantasiar-se justamente daquilo que queriam esquecer aqueles que ali se encontravam. Apavorados pela figura hedionda, os patrícios de Prospero hesitam. Ele então investe contra a morte vermelha empunhando uma adaga, mas no momento em que toca suas vestes, elas se desfraldam em suas mãos, deixando ali apenas a mortalha e a máscara vazias. Neste momento, a morte rubra finalmente permeia todo o salão, levando o príncipe e seus súditos em seu último baile de máscaras.

Na obra de Bergmann temos Antonius Block, um cavaleiro cruzado que retorna à sua terra natal, a Suécia, dez anos após ter partido para a guerra. O homem acorda na praia e logo após fazer suas orações, percebe que a morte caminha em sua direção. Os dois conversam, e Block propõe um jogo de xadrez no qual, caso ele vença, sairá vivo e caso morra, acompanhará a morte de bom grado. Assim, o homem e a entidade caminham por um país devastado pela peste negra, jogando xadrez. Block procura ganhar tempo e entender o sentido da existência, a sua e a divina. A morte diverte-se com o jogo, enquanto leva pessoas ao redor do cavaleiro. Durante sua estadia em uma cidadezinha, o cavaleiro vai até a igreja local para se confessar, mas a morte toma o lugar do padre, ouvindo os planos e estratégias de Block para o jogo de ambos.

Nessa vila há uma jovem amarrada, cuja vida será tirada na fogueira posteriormente, pois os habitantes daquele lugar acreditam que ela é uma bruxa que por manter relações com o demônio, atraiu a fúria de Deus, que então lançou no povo a peste negra. Block aproxima-se dela para lhe falar, mas o guarda o adverte para que não faça isso. Nesse mesmo vilarejo somos introduzidos a outros personagens importantes, como o sacerdote que convenceu o jovem Antônius Block a deixar para trás suas terras e sua esposa e partir em direção às cruzadas. Há mesmo uma referência direta à dança da morte, quando o escudeiro do nobre encontra um pintor que deseja nas paredes da igreja as figuras cadavéricas, “para assustar e ensinar” a população.

O jogo de xadrez segue conforme os personagens avançam em sua viagem. Antonius passa a conhecer uma trupe de saltimbancos, viajando com eles. Durante a travessia de uma floresta contudo, Block finalmente é derrotado, e a morte o avisa que quando os dois se encontrarem novamente, ela o irá levar. Durante aquela última noite na floresta, uma tempestade cai sobre o grupo, e a

trupe foge do cavaleiro, pois um de seus membros ouviu o dialogo de Antonius Block com a morte. Ao amanhecer, os atores observam de longe os demais personagens sendo conduzidos pela morte em sua dança final rumo ao desconhecido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas duas narrativas encontramos ressignificações do mito da dança da morte: a construção do imagético da entidade, a postura relutante dos homens para os quais ela veio, a dança final. Os protagonistas agem de forma diferente entre si em sua maneira de lidar com a morte, contudo. Prospero evita a morte utilizando-se de seu poder como soberano, primeiro evitando a manifestação imaterial da morte, que é a peste, e depois exigindo a cabeça da entidade quando esta se manifesta em seu avatar. Ele é excêntrico e acredita ser soberano sobre todas as coisas, refletindo uma natureza mimada, que não admite ser contrariada. A morte reflete a natureza de Prospero, sendo tão brutal e inegociável quanto o homem. Não existe diálogo entre a morte e o príncipe na obra de Poe. Mesmo o imagético presente em *A máscara da morte vermelha* denota essa agressividade de ambas as partes: a morte é horrível de se olhar, a peste é atroz e mata seus hospedeiros rápida mas não dolorosamente, os salões da fortaleza são exóticos, coloridos, inebriantes. Os elementos são sempre exacerbados, como o toque profundamente perturbador do relógio de pêndulo e a atitude puramente hedonista de todos aqueles que dançam na mascarada.

Os personagens de Bergmann assemelham-se mais ao visto nas catedrais antigas. Ainda relutantes, eles contudo dialogam com a morte. Block negocia com ela por várias vezes, evitando seu fim imediato ao propor o jogo para a morte, depois exigindo retroceder uma jogada quando descobre que era a morte, e não o padre a ouvir a confissão de sua estratégia. Na última cena em que jogam, o cavaleiro percebe a derrota iminente e tenta reiniciar a partida bagunçando o tabuleiro. Todas essas ações reafirmam a relutância do cruzado em deixar-se vencer, sem contudo por em cheque sua postura e capacidade de racionalização. Não há agressão nem hostilidade entre Block e a morte, simplesmente competição. O imagético da obra reflete isso na aparência da morte, que é ainda cadavérica e vestida de negro, porém difere da entidade em Poe por ser pálida, estéril e fria, sem apresentar sinal algum da peste negra que assola a Suécia. Essa morte racional e negociável não é menos implacável, porém deixa que estabeleçam-se relações entre si e seus alvos, coisa que não ocorre em *A máscara da morte vermelha*.

4. CONCLUSÕES

As obras apresentam diversas semelhanças, tendo sido baseadas no mesmo mito. Contudo cada uma reflete o espírito de sua época, assim como o faz a dança da morte original. A obra de Poe ilustra o conceito de morte indomada, aquela que não se anuncia e não deixa tempo para que os vivos se preparem para a sua chegada. A morte indomada leva a tudo e a todos à seu tempo, violenta, súbita e inegociável. Essas características refletem o período de criação do conto, um período em que considerava-se qualquer sinal ou presságio de morte mera superstição, e a inevitabilidade e imprevisibilidade deste acontecimento eram as características mais conferidas tanto ao mito quanto ao fato.

A morte de Bergmann, por outro lado, relaciona-se com o conceito de morte domada, aquela que anuncia sua presença antes de chegar. Quando primeiro encontra Block, a morte diz que caminhava ao lado do cavaleiro há bastante tempo, e este responde que já sabia. Por ter estado em guerra durante anos e por voltar para um país assolado por pela praga, o cruzado aprendeu a conviver com a morte e a tratar com ela em seu dia a dia, assim como faziam os homens da idade média. A morte de Bergmann é sarcástica e jocosa, mas também é fria e distante, cumprindo diligentemente seu dever, ouvindo as histórias dos homens que vai levar, mas não deixando-se nunca convencer a não fazê-lo. A morte domada, conceito que permeou predominantemente a Idade Média, diz de uma morte que deixa presságios e dá tempo para que aquele que vai morrer se prepare. Fazendo uma ponte entre o período medieval e o pós-guerra, Bergmann resgata este conceito, conferindo à morte características do homem do século XX à entidade retratada em sua película. Assim, Bergmann confere à morte características tanto medievais quanto modernas, lançando luz à morte domada numa visão de mundo moderno, onde a ameaça do holocausto nuclear e de uma nova ascensão fascista em escala global são os presságios que assombram os homens, avisando-os para que se preparem para a morte iminente.

Portanto concluímos com este estudo que, mais que uma releitura de um mito medieval, cada uma das obras retrata também a sociedade em que foi criada, o ponto de vista do homem com relação à morte e as características que são conferidas à entidade numa tentativa de entendê-la, num sentido diacrônico. São obras que nos falam não apenas da inevitabilidade do fim, mas também sobre como os homens lidam e compreendem este evento que é e sempre será carregado de medo e mistério.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOTLIB, N. B. Teoria do Conto. São Paulo: Ática, 2006.
- Lübeck's Dance of Death. Acessado em 15 jun. 2014. Online. Disponível em: <http://www.dodedans.com/Etext.htm>
- MACEDO, J. R.; MONGELLI, L. M. A Idade Média no Cinema. Cotia: Ateliê, 2009.
- ARIÈS, Philipe. History of Western Attitudes Towards Death over the Last One Thousand Years. New York, Vintage Books, 1981.
- POE, Edgar Allan. A máscara da Morte Vermelha. Contos de imaginação e mistério. Tradução de Cássio Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012, p. 143-150.
- BERGMANN, Ingmar. Four Screenplays of Ingmar Bergmann. Traduzido para o inglês por Lars Malmstrom e David Kushner. New York: The Murray Printing Company, 1969.
- OOSTERWIJK, Sophie. Of corpses, constables and kings: the Danse Macabre in late-medieval and renaissance culture. In: The Journal of the British Archaeological Association, 157, 2004, p. 61-90, aqui: p. 62-64
- DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. 4. ed. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 62-63